

## A CATEGORIZAÇÃO DA ESTATIVIDADE: NÍVEIS DE ANÁLISE

Marize Mattos Dall'Aglio HATTNER<sup>1</sup>

- RESUMO: Este trabalho procura mostrar que, embora a caracterização dos verbos estativos possa ser assegurada dentro dos limites da frase, em alguns casos a interpretação de um verbo como *de estado* depende de fatores como tempo, aspecto e informações extrafrasais.
- UNITERMOS: Verbos de estado; estatividade; Teoria das Cenas.

### 1. A questão em exame

O ponto de partida para este estudo do comportamento sintático-semântico dos verbos de estado foi a hipótese básica de que, considerando-se as relações que se estabelecem entre o verbo e os demais participantes da estrutura oracional, é possível selecionar procedimentos que possam responder pela classificação do *verbo de estado*.

A busca da comprovação dessa hipótese foi feita tomando-se a oração como unidade de análise. Embora esse enfoque possa impor certas limitações, uma vez que há implicações, especialmente semânticas, interfrasais, não se pode negar que há um primeiro nível de resolução do problema que se liga à estruturação sintática da frase. Assim, nossas discussões ficaram restritas aos limites da frase, sem ignorar a possibilidade de algumas explicações só serem encontradas além desses limites. O que se pretendeu foi recortar uma primeira faixa de proximidade, explorando as possibilidades de resolução nesse nível.

Nas orações estativas, a relação estabelecida entre o verbo e o sujeito tem características únicas que nos permitem tratá-la de modo diferenciado. Esse tipo de sujeito caracteriza-se por não participar do processo verbal, não ser afetado por ele e

---

1. Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15100 – São José do Rio Preto – SP.

nem ser seu instigador. Seu papel é o de mero *suporte* de um estado/condição expresso pelo verbo. Ou ainda, como G. Helbig<sup>2</sup> apropriadamente nomeia, o papel do sujeito nessas orações é o de *portador de estado*. Chegamos, então, à caracterização dos verbos de estado a partir de uma definição negativa do seu participante sujeito: não-agente, não-paciente e não-causativo.<sup>3</sup>

O levantamento das características do sujeito estativo permitiu-nos classificar os verbos de estado com base apenas nos elementos encontrados dentro dos limites da oração. Entretanto, surgem casos em que não bastam esses procedimentos escolhidos para a categorização do verbo de estado. Nos exemplos abaixo,

- (1) A profissão de professor equipara-se à de qualquer empregado doméstico. (é igual)
- (2) A profissão de professor equiparou-se à de qualquer empregado doméstico. (tornou-se igual)

a diferença aspectual das duas orações é que parece ser responsável pela categorização do verbo, em (1), como de estado e, em (2), como de não-estado.

Há ainda outros casos em que a interpretação como estado ou não-estado não depende nem mesmo do aspecto verbal. Na oração

- (3) A praça pretejava de gente.

essa interpretação é ambígua, pois tanto se pode entender que a praça estava cheia de gente como que a praça se ia tornando cheia de gente.

Embora esses casos não sejam muitos – menos de 1% no *corpus* –,<sup>4</sup> eles nos impeliram a um questionamento: até que ponto a caracterização de um verbo como de estado pode ser assegurada dentro dos limites da frase? A Teoria das Cenas de Fillmore (1977) forneceu-nos material para esboçarmos algumas respostas.

## 2. A Teoria das Cenas de Fillmore

A partir da verificação de que o esquema de casos em que se insere um verbo não engloba necessariamente todos os aspectos de uma situação, Fillmore (1977) reformula sua teoria dos casos, afirmando que os significados relativizam-se em cenas. Ou seja, o homem aprende e processa a realidade por meio de cenas que são comunicadas com a fala. Devido à impossibilidade de expressarmos essas cenas como um todo, quando falamos trazemos apenas alguns dos participantes da cena em

---

2. Apud Busse & Vilela (1986, p. 97).

3. Borba et al. (1990) rotulam esse tipo de sujeito de *inativo*. Consideramos que esse nome não tem aplicação unívoca, já que os sujeitos pacientes também são inativos. Preferimos, então, chamá-lo de *neutro*, que por seu significado etimológico ("nem um nem outro") corresponde ao caráter duplamente negativo da definição do sujeito que aqui se está adotando.

4. Para caracterizar as construções estativas, analisamos todas as ocorrências de verbos de estado constantes do *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, totalizando 636 verbetes.

perspectiva. Assim, quando ativamos uma cena ou imagem ou uma lembrança, escolhemos termos/expressões/frases que têm a função de nomear, descrever etc., mas que carregam consigo um contexto maior (*framework*), uma *cena de fundo* em relação à qual esses termos/expressões/frases podem ser interpretados.

A escolha dos elementos que serão trazidos em perspectiva obedece a uma hierarquia de saliência, apontada por Fillmore. Assim, as condições que favorecem a inclusão de um elemento da cena em perspectiva são, numa ordem decrescente, a humanidade, a mudança de estado ou de lugar e a totalidade.

Retomando o valor da expressão "os significados relativizam-se em cenas", sempre que interpretamos um texto de qualquer tipo, construímos uma cena de fundo e uma perspectiva sobre essa cena que se 'casa' com o texto. Essas cenas que construímos para os textos "são parcialmente justificadas pelo material léxico e gramatical e parcialmente pelas próprias contribuições do interpretador, sendo esse último aspecto baseado no que ele sabe sobre o corrente contexto, o que sabe sobre o mundo em geral e o que ele pensa que são as intenções do falante". (Teixeira, 1987, p. 36)

Pensando-se, então, especialmente, na interpretação das *orações estativas*, vejamos como o material léxico e gramatical e as contribuições do interpretante atuam na construção das cenas que relativizam seus significados.

### 3. A contribuição do material léxico e gramatical

#### 3.1 Variação dos itens lexicais

Considerando-se que há sempre um texto no qual o verbo se insere, interpretamos esse verbo de forma diferente conforme variem os itens lexicais associados a ele e trazidos em perspectiva, como se vê em:

- (4) Os trilhos gastos da ferrovia serpeavam. (estado)
- (5) A cobra serpeava vigorosamente. (não-estado)
- (6) Minha casa fronteira o cinema. (estado)
- (7) Marcelo fronteira Luciano. (não-estado)

#### 3.2 Variação da construção sintática

Nos exemplos (8) a (11) é a construção sintática que responde pela diferente categorização dos verbos, uma vez que as alterações da forma implicam, em princípio, alterações semânticas.

- (8) As estrelas apontavam o norte. (estado)
- (9) As estrelas apontavam no céu. (não-estado)

- (10) Gilberto amanheceu calmo. (estado)
- (11) Gilberto amanheceu para a vida. (não-estado)

### 3.3 Variação dos itens lexicais e da construção sintática

A categorização da estatividade também pode resultar da associação das diferenças existentes entre unidades semânticas presentes nos participantes (especialmente no sujeito) a diferenças de estruturação sintática:

- (12) Minha casa visavisava com o cinema. (estado)
- (13) O homem visavisava o irmão. (não-estado)
- (14) O fenômeno derivava da deficiência do sistema educacional. (estado)
- (15) E o tempo derivava. (não-estado)

As possibilidades de categorização levantadas em 3.1, 3.2 e 3.3 exemplificam o primeiro parâmetro que estabelecemos para a categorização da estatividade: as relações sintático-semânticas contraídas entre o verbo e os demais participantes oracionais são as responsáveis pela classificação dos verbos.

### 3.4 Variação do aspecto

Para análise da contribuição do aspecto na construção das cenas estativas, retomemos os exemplos (1) e (2):

- (1) A profissão de professor equipara-se à de qualquer empregado doméstico. (é igual)
- (2) A profissão de professor equiparou-se à de qualquer empregado doméstico. (tornou-se igual)

Nestes exemplos, temos duas orações com exatamente os mesmos itens lexicais, mas a interpretação desses textos é diferente. Observemos, ainda, os exemplos (16) a (19):

- (16) Os pastos pretejam de animais. (estão cheios)
- (17) Os pastos pretejaram de animais. (ficaram cheios)
- (18) Fantasias luxuosas tipificam o Carnaval do Rio. (são características)
- (19) Fantasias luxuosas tipificaram o Carnaval do Rio. (tornaram típico)

Em todos esses exemplos, dependendo apenas de elementos gramaticais como *tempo*<sup>5</sup> e *aspecto*, as cenas se criam e se ativam diferentemente (isto é, a interpretação do texto é diferente), relativizando ora um estado, ora um não-estado.

Antes de prosseguirmos nessa análise, vejamos alguns conceitos de aspecto e tempo.

---

5. Categoria gramatical geralmente associada a um verbo e que traduz diversas categorizações do tempo 'real' ou 'natural'. A categorização mais freqüente é a que opõe o presente ao passado e futuro. (Dubois et al., 1978, p. 582)

Travaglia (1985, p. 53) define aspecto como “uma categoria verbal de TEMPO, não-déitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação”.

Corôa (1985, p. 62) cita autores que definem aspecto por oposição a *tempus*: “o tempo inerente ao próprio processo, consideram *aspecto*; o tempo do processo em relação ao momento da enunciação e ao sistema fixo de referência temporal, consideram *tempus*”, e conclui que “enquanto *tempus* é uma propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação, o aspecto é a propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação”.

Para Castilho (1967, p. 14), aspecto é uma “visão espacial do processo”, uma vez que ele localiza o processo dentro do espaço temporal de sua ocorrência.

As definições apresentadas parecem ser coincidentes em um ponto: ao aspecto liga-se a marca da duração da situação expressa pelo verbo. Sendo assim, para que o aspecto verbal seja o único elemento caracterizador da estatividade nos exemplos apresentados acima, é necessário que encontremos diferenças na duração da situação expressa por esses verbos que justifiquem a distinção estado/não-estado. Para tanto, recorremos a um esquema apresentado por Travaglia (p. 56):



No esquema acima, *a* é o TEMPO em que a situação ainda é não-começada e *b* o TEMPO em que ela é acabada; *A* é o ponto de início da situação, *B*, o ponto de término; e o segmento *AB* é a duração da situação, seu TEMPO de desenvolvimento; *AA'* são os primeiros momentos do desenvolvimento da situação e *B'B*, os últimos momentos de seu desenvolvimento, conforme explica Travaglia.

Em uma situação estática todas as fases da duração são idênticas, enquanto em uma situação dinâmica as mudanças ocorrem de uma fase para outra. Sendo assim, não há como diferenciar as fases de início, meio e fim de uma situação estática. Na frase

(20) O paredão abraçava o arraial.

a situação é apresentada com uma duração indeterminada, sem marcas de início, meio ou fim. Para se identificar o início ou fim de um estado é preciso fazer referência a um momento imediatamente anterior ou posterior a esse determinado estado. É preciso indicar uma mudança de estado – uma situação dinâmica, portanto. Só as situações dinâmicas podem ser expressas como limites bem determinados. Desse modo, as situações estáticas não podem ser expressas pelo aspecto perfectivo, que é caracterizado por apresentar a situação como completa, em oposição ao imperfectivo, que apresenta a situação como incompleta.

Um outro elemento que reforça a impossibilidade das situações estáticas serem expressas pelo perfectivo é o caráter pontual de algumas situações perfectivas. Tendo as situações estáticas uma duração uniforme, elas são sempre expressas como durativas, jamais como pontuais. Só as situações dinâmicas podem ser expressas como pontuais. "Considerando que o aspecto pontual apresenta a situação como não tendo duração e, portanto, com *início, meio e fim coincidentes*, vemos que é impossível apresentar uma situação com aspecto pontual como incompleta. Isto significa que toda situação com aspecto pontual terá de ser apresentada como completa, isto é, com aspecto perfectivo", explica Travaglia. (1985, p. 108)

Sendo assim, podemos afirmar que, nos exemplos (16) a (19), o que determina a categorização dos verbos como estado e não-estado é a imperfectividade ou perfectividade do aspecto verbal.

#### 4. A contribuição do interpretante

Feita essa distinção aspectual, a categorização da estaticidade estaria resolvida se pudéssemos assegurar uma relação biunívoca entre *tempo flexional* e *aspecto*. Observando-se novamente os exemplos (16) a (19), poderíamos afirmar que o presente e o pretérito imperfeito do indicativo marcam o aspecto imperfectivo e o pretérito perfeito marca o aspecto perfectivo. Embora essa informação esteja correta, não podemos esquecer que tanto o aspecto pode ser expresso por mais de uma forma,

- (21) A festa prosseguia sem grande animação. (base lexical marca durativo)
- (22) A criança chorou o dia todo. (circunstancial marca durativo)

como uma mesma forma de expressão pode indicar mais de um aspecto:

- (23) João tem um carro velho. (presente do indicativo marca imperfectivo)
- (24) Os japoneses comem peixe cru. (presente do indicativo marca habitual)

Se um mesmo tempo flexional pode indicar mais de um aspecto, é possível também que uma mesma oração expresse mais de uma situação, sendo, portanto, ambígua, como ocorreu em

- (3) A praça pretejava de gente.

Sabemos, entretanto, que a ambigüidade só existe para o interpretante; ele vai interpretar exatamente como pretendia o falante, se ambos têm a mesma posse do saber sobre o contexto, o mundo em geral e as próprias intenções do falante. Sendo assim, se o interpretante pressupuser uma cena de fundo diferente daquela pretendida pelo falante, obviamente sua perspectiva sobre essa cena também será diferente. Analisemos o seguinte exemplo:

- (25) Os alemães lideram as corridas.

Na verdade, o caráter estativo dessa oração é dependente da ancoragem que fazemos da situação narrada a uma outra situação referencial, que nem sempre aparece na superfície e que interfere na interpretação que faremos do texto. Se tivermos situações referenciais diferentes, construiremos cenas diferentes. A oração (25) poderia, então, ter as seguintes interpretações, que vêm explicitadas segundo o contexto de situação:

a) *Os alemães estão em primeiro lugar.* (oração estativa)

Os pilotos de Fórmula I iniciam hoje a terceira etapa do Campeonato Mundial. Durante as primeiras provas deste ano, as equipes que apresentaram os melhores resultados foram a alemã e a francesa. Até o momento, os alemães lideram as corridas e os franceses ocupam a segunda posição.

b) *Os alemães chegam em primeiro lugar.* (oração não-estativa)

Dois grandes equipes vêm-se destacando no Campeonato Mundial de Fórmula I. Desde o início do campeonato, os alemães e os franceses vêm-se alternando no lugar mais alto do *podium*. Os franceses têm carros superiores aos da equipe alemã, mas nas pistas de alta velocidade os alemães lideram as corridas.

Ou seja, nesses casos, é o conhecimento que o interpretante tem da situação referencial que justifica a criação de cenas de fundo diferentes e, conseqüentemente, interpretações diferentes de um mesmo texto.

## 5. Considerações finais

As noções de cena e perspectiva de Fillmore permitem-nos estabelecer dois níveis distintos de identificação da estatividade, a partir do que foi exposto. No primeiro nível, apenas o material léxico e gramatical fornecido pela frase é suficiente para se fazer a distinção estado/não-estado. No segundo nível, a distinção só pode ser feita se às informações fornecidas pelo material léxico e gramatical acrescentarmos as informações fornecidas pelo contexto. No entanto, mesmo quando se recorre às informações extrafrasais, o que se busca é apenas identificar a relação contraída entre o verbo e os demais participantes da estrutura oracional. É esta relação a responsável pela caracterização da estatividade.

HATTNER, M. M. D. A. The characterization of stativity: levels of analysis. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 149-156, 1992.

- **ABSTRACT:** *This paper tries to show that, although characterization of stative verbs can be asserted within the limits of the sentence, in some cases their interpretation as verbs of state depends on factors such as time, aspect and contextual information, thus establishing stativity identification levels.*
- **KEYWORDS:** *Verbs of state; stativity; Scene Theory.*

## Referências bibliográficas

- BORBA, F. S. et al. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.
- BUSSE, W., VILELA, M. *Gramática de valências*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1967.
- CORÔA, M. L. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. Trad. de Izidoro Blikstein (Coord.), São Paulo: Cultrix, 1978.
- FILLMORE, C. The case for case reopened. In: COLE et al. *Syntax and semantics: grammatical relations*, v. 8, New York: Academic Press, 1977. p. 59-81.
- TEIXEIRA, R. F. A. Fillmore: a relativização dos casos em cena. In: NEVES, M. H. M. N. (Org.) *Gramática de casos*. Araraquara: ILCSE, 1987. p. 25-43.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.